janeiro/2022

Revista Verlidelas

edição nº 19

entrevista:
Maria Helena AZEVEDO

CONTO:
A morte da esperança?

poesia:
A natureza em VERSOS

VERLIDELAS

janeiro/2022

Sumário

ENTREVISTA ... 03
Maria Helena Azevedo

CONTO ... 11
A Flor
S. Gusmão

POESIA ... 20
Alfredo de Oliveira

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Fotos (seção poesia):
•Airton Pereira (natureza)
•Laurens LR (autor)

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

Esperança é uma das palavras mais usadas quando um novo ano se descortina. Ela traduz, entre outras coisas, a vontade de perseverar nos objetivos não alcançados no ciclo anterior. Mas esperança não é nada sem esforço, sem uma firme dedicação ao que se pretende atingir. E tal vibração pode ser sentida no decorrer de todo este número da Revista Verlidelas. Ele abre com a entrevista concedida pela poeta Maria Helena Azevedo, que – escrevendo versos desde os dez anos – acabou sendo finalista do prêmio Jabuti. Em seguida, um longo e belo conto de fantasia traz a história de uma mulher que sonha reencontrar sua essência perdida. Independentemente de ver ou não suas esperanças frustradas ao final (é preciso ler para saber), a personagem enfrenta um perigoso caminho movida pela esperança. Por fim, esta edição traz poesias tiradas do recém-lançado "Terra, Sonho & Passarinhos", de Alfredo de Oliveira, poeta quatiense abençoado pela oportunidade de viver uma vida tranquila e feliz em seu sítio no interior fluminense, onde compõe versos que espelham esse estado de espírito. Com certeza, uma inspiração para muitas pessoas que têm a expectativa de uma rotina assim para si no futuro.

Desejamos a todos um feliz 2022, com a esperança – fundada em muito trabalho – de que a Verlidelas se torne cada vez mais relevante no universo literário independente, ajudando autores em sua caminhada e levando entretenimento de qualidade aos leitores.

Luzia Barbosa

Agradecimentos:

Conheça

Conheça

Conheça

Conheça

entrevista

POR SERGIO CARMACH

Professora pública aposentada de História e Literatura, em 2008 lançou “Uma Hora por Dia” (7Letras), finalista do Prêmio Jabuti. Participou da antologia “Cura Poética” (Verlidelas) com três poesias, continua divulgando seus versos nas redes sociais e planeja lançar um novo livro solo. Nas páginas a seguir, Maria Helena Azevedo conta detalhes desses e de outros assuntos que fazem parte de sua trajetoria literária

MARIA Helena Azevedo

olho no olho
cada um que olha
encontra no outro
a sua imensidão
os altos cumes
os longos abismos
olho no olho
vê em si no outro
a sua redenção.

então, raramente
a gente se olha
profundamente.

Como você se tornou escritora?

Desde os dez anos, me vejo escrevendo poemas. Sempre gostei das palavras. Prestava atenção nelas, perguntava à minha mãe o significado das que eu não entendia. Lá pelos quinze anos, tentei escrever narrativas. Não deu certo. Eu empacava. Escrevia e escrevia poemas, disso eu gostava. Mas só muito tempo depois – após passar pela militância política e pela faculdade de História, quando comecei a cursar o mestrado em Literatura – é que a escrita poética se apresentou como uma força vital pra mim. Ela tinha adormecido um pouquinho, mas o estudo da literatura ativou um chamado que estava em mim e a poesia foi se abrindo como uma grande companheira de vida, um lugar de me dizer, me compreender, me aumentar no mundo. Dali pra cá, sim, virei uma escritora, no sentido de fazer da escrita um meio, entre outros, de estar viva, de sustentação existencial. E sempre, sempre escritora de poemas.

A carreira de professora pública de História influenciou de alguma forma a sua trajetória literária?

Fui professora de História por trinta anos, no magistério estadual, depois no federal, basicamente no ensino médio. Tenho por essa carreira que escolhi uma reverência, uma gratidão, não só pelo quanto me alegrei, me aborreci, me descabelei, acalmei – enfim, pelo que aprendi, errando e acertando – mas também por ela ter sido o meu ganha-pão, o sustento material.

Onde vejo uma influência, muito benéfica, na minha escrita é no próprio modo desse trabalho: bastante dinâmico, reformulador, oral, dialogante e interativo, realizado diante de pessoas bem jovens, desafiador (claro, nem sempre a gente está à altura de tais exigências...). Essas interações

próprias da sala de aula contribuíram muito – de modo inconsciente pra mim, agora é que estou refletindo sobre isso – para o tom, a voz, o andamento, o vocabulário da minha poesia. E para um certo modo narrativo, em que os versos me vêm. Aliás, falas de alunos, e minhas, também me vinham depois como versos. É dessa enorme riqueza de contatos que minha poesia é devedora. Agradeço a pergunta, pois ela me permite perceber essa riqueza, o que me deixa muito contente.

Você foi finalista do Prêmio Jabuti. Conte sobre o caminho até essa conquista.

Uma conquista, sim, e inesperada. Era o primeiro (e até hoje único) livro que tinha publicado. Eu vinha escrevendo muito, me empenhando nessa atividade, não por alguma pretensão de "ser escritora" no sentido profissional (poeta consegue isso?) ou de ser ativa na vida literária local, mas antes de tudo porque isso me dava prazer, aquele sentido de vitalidade a que me referi, e eu via que quanto mais escrevia, reescrevia, mais crescia em mim uma voz própria, uma satisfação de escrever. E eu quase não mostrava meus poemas pra ninguém, era um trabalho a sós comigo (depois falaremos do que seja esse "comigo"). Eu percebia que a qualidade, na minha medida, melhorava. Participei de alguns saraus (o inesquecível Botanic...), publiquei um pouco, aqui e ali, mas sempre bem tímida para mostrar meu trabalho. E o volume de poemas na famosa gaveta dos poetas (agora os arquivos no computador) ia aumen-

tando, aumentando...

Eu sabia que tinha quantidade – e, presumia, qualidade – para publicar um livro, mas a timidez, o medo da crítica e todos os *et ceteras* psicológicos me travavam. Mas fui que fui, encarei o desejo que eu tinha, sim, de publicar os poemas, trabalhei com afinco nisso alguns meses e aprontei o livro. Quase um ano depois, numa FLIP, encontrei o escritor Silviano Santiago, meu professor na pós da PUC/RJ. Na fila de autógrafos, lhe falei do livro e – imagina, correndo – pedi um conselho. Muito gentil, ele me sugeriu procurar a editora 7Letras, que estava publicando poetas novos. Foi o que fiz, mandei o livro. Aí tudo foi bem rápido, um trabalho cuidadoso, atencioso e impecável da equipe de editores. Publicamos "Uma Hora por Dia", em 2008.

Foi a editora que me procurou – eu nem pensava no assunto – para inscrevermos o livro no Jabuti, e assim fizeram. Soube do resultado por uma amiga da minha irmã – olha, que surpresa, e alegria, claro!

Você tem um método de composição?

Os versos me chegam, não sei de onde. Primeiro vem um verso inteiro, a partida, e depois o restante, muitas vezes numa corrente contínua, mais rápida que a capacidade de escrever. E não percebo nenhuma situação específica, constante, que desencadeie isso. Varia a hora, o lugar, mas a base sempre é: vem chegando. Geralmente não deixo pra depois, anoto onde dá. Se isso não for possível, fico guardando os versos na memória até poder escrever. Bom, tem hora que os versos vêm e não conseguem continuar, a gente sente quando não vai dar em grande coisa. Eu não costumo guardar anotações para usar muito tempo depois. Ou faço o poema quase todo na hora, rabiscando, escrevendo, ou o deixo incompleto para tentar continuar logo mais. Se for o caso, desisto dele. A primeira forma é manuscrita, pois gosto de escrever à mão no papel, geralmente num caderno. Aí, sim, bem mais tarde, passo para o computador, dando ao poema uma

FUTURAS E PASSADAS

a preta na branca
a vermelha na azul

todas as mãos serão fadas
em todos os mundos serão dadas.

é passageiro que estejam assim separadas.
o tempo e o vento trarão as coisas sonhadas.

"forma final" – mudo um pouco, mudo bastante, varia.

Então o método é estar disponível, deixar vir, como se eu ouvisse uma voz muda e fosse transcrevendo – uma espécie de diálogo interno, em que percebo também "leitores" participando. Intuitivamente, vou sentindo se está bom ou não sob critérios que não procuro tornar conscientes. Daí que o "a sós" não é bem assim, é uma construção que vai juntando várias vozes, várias chegadas. Por vezes, vem um pedaço de frase, ou uma frase inteira reverbera. Se está boa, entra, é aproveitada; se não está, é cortada – não controlo totalmente, às vezes até bem pouco. Uma orquestração do mundo em mim, sendo que esse "mim" não coincide com o

meu ego. Fato, enfim, que é também, e talvez primeiramente, um impulso: vai, compõe, escreve.

Como você vê o cenário cultural brasileiro da atualidade?

Essa pergunta... não me cabe muito, sabe? É muito discreto e meio desinteressado o meu lugar na chamada vida literária, ou cultural. Com todo o respeito pelo pessoal ativamente engajado. Então eu não acompanho as novidades lançadas nesse meio, como se diz. Espero que sempre reine aí a maior liberdade, diversidade e criatividade possíveis à consciência da nossa humanidade atual, brasileira e planetária. Que a arte nos ajude a expandir essa consciência no sentido da maior fraternidade entre todos os seres, e não seja um mero meio entre outros de angariar dinheiro e poder.

Tem projetos em andamento?

Um segundo livro, que está pronto, prontinho, há um bom tempo. Entretanto, uma coisa e outra no turbilhão nosso de cada dia, e o meu modo "recolhido", vêm adiando a busca efetiva pela sua publicação. Aliás, já falei disso com a Verlidelas, sempre acolhedora, então talvez a coisa se resolva por aí...

Eu tinha um projeto, que a pandemia tornou inviável, de distribuir filipetas com poemas meus na porta de estações do metrô: Dá-se versos! Os tran-

MEDIDAS

enquanto o medo de morrer
for maior que o amor à vida
em mim, não poderei morrer
e nem poderei viver.
sem amor habitarei
uma terra escura,
uma sabedoria perdida.
e isso – eu não temo, não temerei?

seuntes receberiam pequenos poemas no lugar de propagandas repetitivas.

E prossigo com a publicação semanal de meus poemas mais recentes, desde os começos da pandemia, no **Instagram** e no **Facebook**.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?

Muitos livros, muitos autores... Viva a literatura, que nos acompanha, consola, orienta, exalta, entristece há milênios. E confesso aqui: leio mais romances e contos que poemas. Ler poemas não é pra todo dia, mas vou destacar as melhores obras poéticas para mim: "Elegias de Duíno", de Rainer Maria Rilke, "Guardador de Rebanhos", de Fernando Pessoa, "Ilíada" e "Odisseia", de Homero. E, entre tantas outras, duas obras recentes, em um tom diferente, importantes para a minha poesia: "Inéditos e Dispersos" e "A Teus Pés", de Ana Cristina Cesar. Falando de romances e contos, vou apenas citar alguns autores inesquecíveis: Alice Munro, Patricia Highsmith, Jane Austen, Isak Dinesen, Joseph Conrad, Anton Tchekhov, Isaac Babel, Dostoiévski, J. M. Coetzee, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos. Diante desse povo querido, sou pequenininha, do tamanho de um botão... ■

Autoconhecimento

A CHAVE DA SAÚDE

O passo a passo para a sua saúde física e mental

ESTE NÃO É APENAS UM LIVRO de autoajuda e desenvolvimento pessoal. É um "start" para o autoconhecimento, a reprogramação mental e o que a autora chama de "malhação cerebral", formas de prevenir doenças físicas e emocionais e de promover a autocura. A autora compartilha o passo a passo que desenvolveu ao longo de sua caminhada de descoberta pessoal em meio às religiões e ao misticismo, durante a qual foi se utilizando de elementos da física quântica, da neurociência e da metafísica da saúde à medida que os aplicava a si e, mais de uma década após, a seus clientes (terapia holística e "coaching").

O livro traz o funcionamento da "máquina humana" não só no aspecto energético, mas também bioquímico, numa demonstração de que a química de nosso corpo decorre das emoções, e estas são origem e consequência de nossos hábitos. Tudo de forma didática, numa conversa com quem clama por uma solução real, e não uma mera promessa. Com uma noção de como "a coisa toda" funciona, o leitor compreenderá cada etapa do processo e, em benefício de sua saúde, estará apto a se conhecer, a desenvolver empoderamento e autenticidade, a interromper o processo de pensamento e a incorporar hábitos importantes para o seu equilíbrio emocional e fisiológico, ativando o sistema de recompensas do cérebro.

Lair Cohim

VERLIDELAS

Lançamento em breve

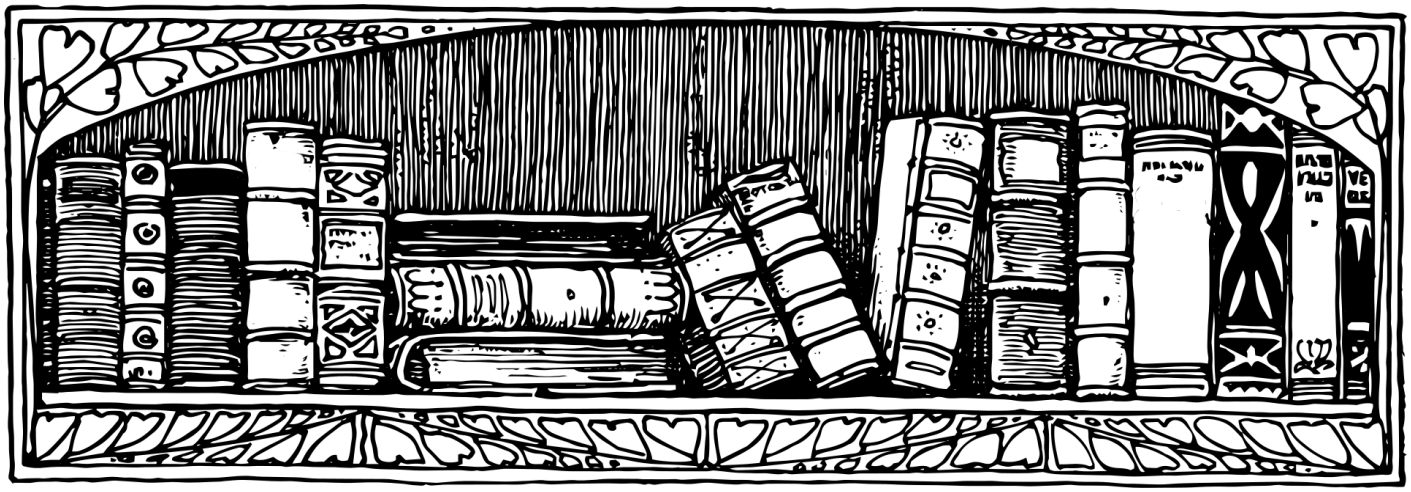
Conto

A FLOR

"Ela se lembrava do sangue, mas precisara escolher a sobrevivência. Outros como ela fizeram o mesmo, tiveram de fazer o mesmo."

S. GUSMÃO

Maria Gabriela S. Gusmão nasceu e cresceu em Curitiba. Formou-se em Letras pela UFPR e trabalha como professora. É apaixonada por livros desde muito pequena e seu sonho de criança sempre foi ser escritora. O texto a seguir – selecionado para a antologia "Queimem as Bruxas – Contos sobre Intolerância" – mostra que S. Gusmão realmente tem talento para a escrita e a criação de histórias



Criatura bípede alada já mencionada no Tomo XX, Capítulo 43, de mesmo título, faz uso das flores-de-névoa. Essas plantas são caracterizadas por sua cor típica, branco-nuvem, e exalam um aroma semelhante ao das cerejas. Os primeiros pesquisadores que as encontraram e descreveram ainda não usavam o Método Sezineziano de classificação, portanto nossos dados não são suficientes para descrever com precisão os ciclos dessas flores. O senso comum diz que dessas plantas se desprende uma nuvem de esporos. Estes, por sua vez, formam uma névoa que confunde os sentidos da visão e do olfato, sendo um excelente material para a proteção de áreas inteiras. Os seres alados, assim, se camuflam, protegendo-se de predadores...” E ele finalmente adormeceu.

Nachka fechou o livro pesado e amarelado que segurava. Na sala de estudos, seu senhor roncava tranquilo, quase sorridente, abraçado a outro volume também amarelado. Nachka esfregou os longos dedos nos olhos cansados. Estava lendo para o velho havia pelo menos três horas.

Ela se levantou e caminhou com os pés descalços até a janela. Lá fora, o sol dourado iluminava o fim da tarde quente e seca. Nachka sentia uma coceira nas cicatrizes em suas costas, os músculos de suas pernas também se contraíam e relaxavam, esperando pelo salto. Ela não o daria, não o dava por anos.

Respirou fundo e voltou os olhos para o homem que ressonava tranquilo na poltrona. O senhor gostava que Nachka lesse para ele, que lhe fizesse companhia nas noites insones; então ela perambulava pela casa com uma vela que parecia derreter rápido demais para suas mãos delicadas. Nachka já ouvira todas as histórias que ele poderia contar, já lera inúmeros de seus livros em voz alta, muitas vezes sem prestar atenção. Era uma existência monótona demais para ser miserável, submissa demais para ser privilegiada. Ela estava acima das empregadas, mas abaixo da babá. Um limbo ocupado por mais nenhum dos vários empregados da casa, ela pensou com desdém.

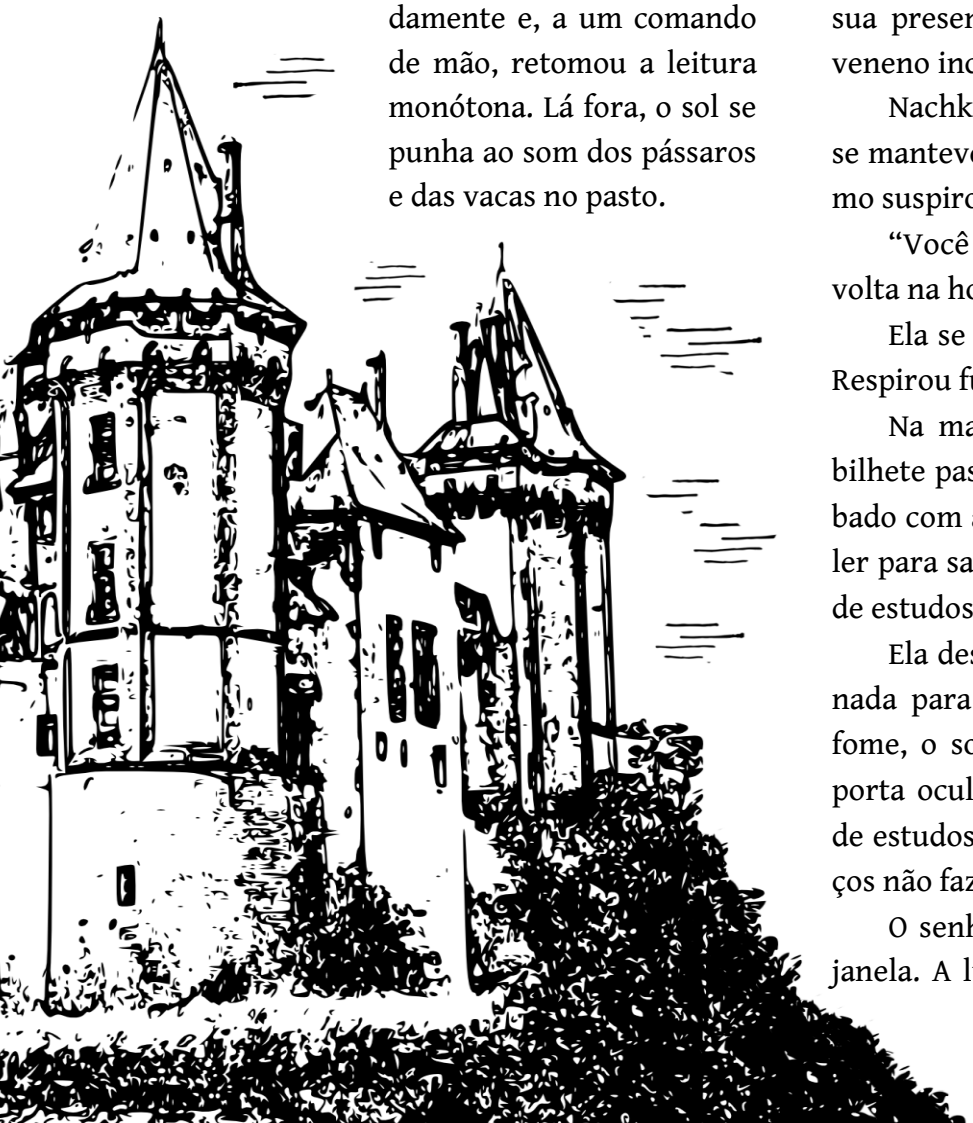
Nachka se aproximou das estantes forradas de livros velhos e empoeirados. De repente, sua mão ágil puxou com precisão uma obra da prateleira e a abriu. Já o fizera tantas vezes, que a página estava marcada. Era um volume analítico das espécies originárias daquela terra, escrito por um dos tataravôs de seu velho senhor, o tomo anterior ao que ela estava lendo.

Nachka poderia ficar horas olhando para as imagens, tão belas e detalhadas. Ela passava a ponta dos dedos nas figuras douradas, com suas grandes asas coloridas. Sabia que não eram coloridas, apenas brilhavam com a luz do sol; de noite eram quase negras. Lembrava-se muito bem disso. Nachka levou a mesma mão às cicatrizes nas costas, na altura das escápulas. Não doíam

mais. Isso, porém, não deixava a situação melhor.

O volume contava que os seres alados, os nativos, eram predadores, cruéis, selvagens, incapazes de sentir qualquer coisa. Dizia que a terra tinha sido libertada de suas garras tiranas e que eles foram recebidos de braços abertos pela civilização. Nachka sabia que aquilo não era verdade. Ela se lembrava dos porões onde vivera, das fogueiras, dos gritos. Ela sabia o que precisara fazer para sobreviver, para ser aceita na sociedade dos conquistadores, para ter onde trabalhar, o que comer, onde morar. Seu irmão não tivera tanta sorte. Ela se lembrava do sangue, mas precisara escolher a sobrevivência. Outros como ela fizeram o mesmo, tiveram de fazer o mesmo.

O velho se mexeu na poltrona e deu um suspiro mais profundo. Nachka guardou rapidamente o livro e voltou para seu lugar original. Quando o senhor acordou, ela sorriu delicadamente e, a um comando de mão, retomou a leitura monótona. Lá fora, o sol se punha ao som dos pássaros e das vacas no pasto.



Ao ser dispensada à noite, Nachka desceu as escadas rangentes até a diminuta sala do mordomo, perto da cozinha. Bateu suavemente à porta. Um resmungo a permitiu entrar.

“Senhor...”, ela começou.

O mordomo levantou os olhos verdes. Seu nariz longo e as mãos ágeis denunciavam que era como ela, com as mesmas cicatrizes nas costas, embora o porte dele fosse mais elegante.

“O que deseja, menina?”, perguntou, tentando esconder a impaciência.

“Senhor, já faz algumas semanas desde que tirei o último dia de folga”, ela falou num só fôlego, escondendo as mãos trêmulas atrás das costas. “Eu estava pensando se...”

“Sim?”, seu tom de deboche não passou despercebido, mas foi ignorado.

“...se eu poderia tirar o dia de folga amanhã”, terminou, tentando manter a postura.

Uma pausa angustiante se sucedeu.

“Não sei se o senhor poderia abrir mão da sua presença”, foi a resposta, tão cheia de um veneno incontrolável.

Nachka quase deu um passo para trás, mas se manteve firme e não baixou o olhar. O mordomo suspirou.

“Você pode sair à tarde, mas precisa estar de volta na hora do jantar.”

Ela se curvou e saiu da sala sem se despedir. Respirou fundo. Era o suficiente.

Na manhã seguinte, Nachka encontrou um bilhete passado por debaixo de sua porta, carimbado com as inicias de seu senhor. Não precisava ler para saber que ele a estava esperando na sala de estudos.

Ela desceu as escadas em silêncio, sem pegar nada para comer. Era cedo demais para sentir fome, o sol mal se levantara. Nachka saiu pela porta oculta do corredor e caminhou até a sala de estudos, entrando sem bater. Seus pés descalços não faziam barulho no piso de madeira.

O senhor estava sentado à mesa, próximo à janela. A luz chegava pelo lado direito, mas tão

tímida e cinzenta que ainda não tinha aquecido o ambiente. O ar parado deixou Nachka um pouco tonta, mesmo ela já estando acostumada. Na verdade, talvez nunca se acostumasse.

"Ah, Nachka, que bom ter chegado! Achei que não tinha recebido meu bilhete. Demorou tanto..."

"Bom dia, senhor", ela respondeu, com voz rouca. Com um pigarro, continuou: "O que gostaria de me mostrar?"

"Chegue mais perto, venha, venha", ele respondeu, quase não se contendo de animação.

Nachka já imaginava: o que quer que ele mostrasse, não seria motivo para tudo isso. Mas manteve uma atitude positiva ao se aproximar.

"Chegou ontem à noite. Não é uma beleza? Um amigo encontrou durante uma expedição pela floresta. Não sabia exatamente o que era, mas achou que poderia me interessar. Não é linda?"

Sobre a mesa, num dos vasos mais feios que Nachka já vira, estava uma diminuta flor branca. O caule era cinzento, parecia quase queimado; pequenas folhas cobriam quase toda a altura da planta; as pétalas pendiam aparentemente sem vida, como que curvadas a um rei.

"Não se lembra, Nachka? Lemos ontem sobre elas. E olhe: uma verdadeira flor-de-névoa! Onde está aquele livro? Pegue lá o volume, acho que é o Tomo XX."

"Não, é o XXI...", ela o corrigiu, com voz quase inaudível.

Nachka não se sentia mais ali, só prestava atenção à flor, ao indiscutível cheiro doce que ela exalava e aos poucos dominava a sala, à maneira como o ar tremia ao redor dela, como se estivesse quente.

"Pegue logo o volume, menina, vamos conferir se estou certo", ordenou o senhor, impaciente e contrariado.

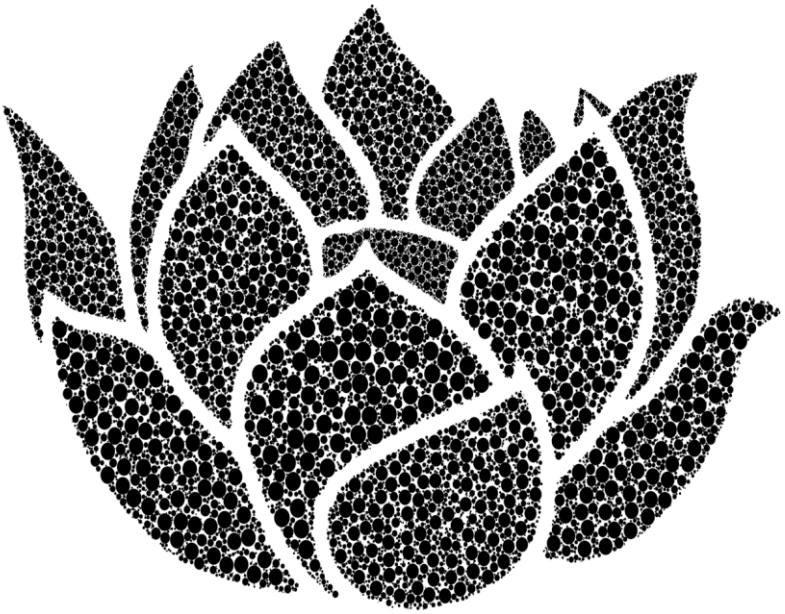
Nachka obedeceu, mas não precisava do livro. Sabia o que era aquela planta e o que sua presença significava. Mas precisava ter cautela. Ela voltou com o volume já aberto na passagem que lera na véspera, a breve descrição das flores.

"Ah, sim, exatamente", disse o velho quando ela repetiu a leitura. "Justo o que eu estava querendo... Humm, não há nenhuma menção ao caule. E, segundo me parece, elas vivem em 'bando'. Esta foi encontrada sozinha, mas se trata da mesma flor, não é mesmo? O que você acha? Sim, só pode ser ela", continuava a falar sem pausa. "Que descoberta incrível! Preciso compor um artigo a respeito."

Nachka procurou papel e tinta para começar a escrever quando ele ditasse algo. Ela tentou parar de olhar para a flor, mas era impossível. Seu senhor não fazia ideia do que aquilo realmente significava, nunca lera os livros importantes, nunca prestara atenção ao que a flor era de fato. Ele só se interessava pela informação, não pela sabedoria.

Nachka escreveu tudo o que o velho falou, mesmo as partes sem sentido. Sabia que ele releria tudo, ou melhor, que ele a mandaria reler tudo para arrumar o texto. Demoraria horas até seu senhor se dar por satisfeito. Então, quando pôde, sugeriu delicadamente ao velho que se alimentasse. Afinal, ele não pensaria tão bem de estômago vazio, as palavras não sairiam da mesma forma.

"Sim, sim, tem razão, bem pensado", ele sor-



riu satisfeito, passando as mãos pela gorda barriga. “Você sempre cuidando de mim, Nachka. Gosto de ter amigos por perto.”

Ela assentiu, sorrindo. Amiga, empregada, escrava, qual a diferença? Fingindo transcrever os escritos e estar concentrada no trabalho, esperou seu senhor sair da sala, ainda falando. Assim que a porta se fechou, Nachka se levantou e correu para perto da flor. Agachou-se até estar com os olhos na altura das pétalas brancas, quase brilhantes sob a claridade do sol. A névoa fina fazia a luz tremer. A moça cheirou profundamente a terra que abrigava o caule, com as folhas, as pétalas.

“Cereja, uma ova”, ela murmurou.

Devagar, avançou o indicador até ele chegar perto da névoa. Respirou fundo e fez seu dedo atravessar o ar que tremia. Conteve o riso ao ver metade dele sumir. A alegria era capaz de devorá-la viva. Só faltava uma informação, pensou.

Ela se sentou novamente em frente aos papéis cobertos com sua letra fina – a tinta ainda brilhava um pouco sob a luz da manhã – e esperou. O velho reapareceu e, antes mesmo de entrar no recinto, voltou a ditar. Tagarelava animado, e Nachka fazia a pena voar pelo papel, captando todas as palavras sem prestar atenção a nenhuma. Ele caminhava de um lado para o outro, ora erguendo as mãos, ora coçando pensativo o queixo áspero. De vez em quando, pedia a ela que lesse em voz alta a última passagem, e ia fazendo gestos no ar para que cortasse partes aqui e ali ou as rearranjasse no texto.

Depois do que pareceram – e foram – horas de trabalho, o senhor se sentou novamente na cadeira próxima à mesa e ficou olhando em silêncio para a flor. Nachka aguardou alguns minutos, fingindo continuar a escrever o que ele dissera por último. Então pousou a pena. Ainda lhe faltava uma informação.

“Que sorte”, ela falou, simulando emoção. “Lemos ontem sobre a flor e hoje ela se mostra para nós.” Voltou o rosto para ele, sorrindo radiante. “Talvez ela seja mágica mesmo. Onde o senhor disse que foi encontrada?”

Ele a olhou com pena e carinho. Ajeitou a casaca apertada e respondeu:

“Onde sempre soube que estava, às margens do rio Leste. Minha doce criança, lá não existe mais *magia*.”

A magia, aquela coisa selvagem e perigosa, fora arrancada da terra como uma erva daninha quando os senhores trouxeram paz e ordem e libertaram todos das criaturas aladas, e estas das amarras que as tornavam cruéis. Afinal, como poderiam ser iguais se não fossem purificadas e despidas de seus costumes primitivos? A flor era apenas uma flor, exaltada pelos antigos seres alados, mas eles também não existiam mais. O senhor se emocionava ao educar Nachka naquilo que ela sabia não ser verdade, ao contar suas histórias de guerra como vitorioso, ao falar sobre aqueles que um dia foram os semelhantes dela. Nachka ouvia e abria os olhos fingindo atenção e espanto, embora por dentro seu coração quebrasse mais uma vez. Quando ela estava prestes a fazer outra pergunta, a porta da sala de estudos abriu e o mordomo se mostrou pelo vão.

“Senhor, venho avisar que o almoço...”, ele parou.

Seus olhos quase saltaram para fora das órbitas ao ver a flor. O senhor, tão ocupado em

explicar o mundo à Nachka, não reparou na chegada do empregado, que lançou um olhar aterrorizado e aterrorizador para a menina. Assim como ela, o mordomo sabia muito bem o que aquilo poderia significar. Ele engoliu em seco; ela piscou em resposta.

"Ah, meu caro!", disse o velho, voltando sua enorme pessoa para o empregado. "Em que posso ajudar?"

"Senhor...", sua voz era apenas um fiapo. Ele pigarreou e recomeçou: "Senhor, venho avisar que o almoço está sendo servido no jardim de inverno."

"Excelente, excelente! Sim, sim, já vou... Nachka, querida, hoje à tarde retomaremos o artigo..."

"Senhor," ela o interrompeu, tentando ser meiga e se levantando da cadeira, "hoje à tarde me foi concedida uma folga..."

"Folga? Mas temos uma tarefa importante pela frente, menina!", ele protestou, ofendido.

"Senhor, já faz muitas semanas que..."

"Pois bem, então!", ele a dispensou com uma das mãos e saiu da sala de estudos, lançando um sorriso fraternal para o mordomo e murmurando enquanto caminhava.

Os empregados esperaram o corredor silenciar. Delicadamente, o mordomo fechou a porta atrás de si e encarou Nachka com o ardor de mil fogos.

"Você sabia?", sua voz não era mais que um sussurro.

"Soube hoje pela manhã", ela respondeu, no mesmo tom.

"Menina, você não está pensando em..."

"Já estou decidida, senhor."

Ele hesitou. Seus lábios apertados estavam brancos.

"Eles não vão aceitá-la", mal era ouvido ao falar entre dentes. "Eles não aceitam gente como nós."

"Preciso tentar, senhor", disse, com firmeza. "Aqui também não nos aceitam."

"Agora aceitam!", ele rugiu. "Somos como eles! Vivemos como eles! Não têm nada contra nós!"

Nachka esperou que ele se acalmasse e o olhou com pena.

"Somos?"

O mordomo fechou os olhos.

"Eles também são mutilados?", ela continuou. "Também vivem com nomes falsos? Também precisam falar em uma língua que lhes pareça estranha?"

Ele andou pela sala, as mãos unidas nas costas, a cabeça balançando a cada passo.

"Você planejou isso, não foi?"

Ela deu de ombros.

"Não poderia saber que o senhor encontraria uma flor-de-névoa", respondeu.

Sem conseguir resistir, o mordomo olhou de relance para a flor.

"Preciso tentar", ela repetiu. "Eu não sabia que precisava até vê-la, mas agora não enxergo

outra saída, senhor", disse em tom de súplica, os olhos se enchendo de lágrimas. "Preciso voltar para casa."

Agora era ele quem tinha o olhar de pena.

"Não há mais casa para nós, Nachka", ele cochichou. "Não temos mais para onde voltar. Este é o nosso lar, onde temos teto, comida..."

"Você acredita nisso ainda menos que eu", ela riu.

Ele, porém, permaneceu sério.

"Morei aqui durante toda a minha vida", suspirou. "Nunca souberam de onde vim, nem nunca saberão. E consegui progredir! Você também pode se superar, já está se superando. É a escrivã do senhor! O que mais pode almejar?"

"Preciso ser livre", ela conteve as lágrimas.

O mordomo fez uma pausa, encarando-a, depois assentiu e se retirou. Nachka esperou alguns instantes e também saiu, não sem antes dar uma última olhada na flor. Desceu até a sala dos empregados para almoçar rapidamente. Não conversou com ninguém, até mesmo porque ela normalmente não falava com nenhum deles. Assim que terminou, subiu correndo as escadas até seu quarto, vestiu um casaco, calçou suas botas e foi em direção ao corredor, sem olhar para trás.

Ela saiu pela porta dos fundos e deu a volta na casa, para poder acessar o caminho por entre os jardins até o enorme portão que demarcava a entrada da propriedade. Desceu a colina seguindo as curvas suaves da encosta, ladeada por árvores altas e escassas. O caminho logo passou a ser apenas de chão batido, as botas vieram bem a calhar. Após uma curva brusca, Nachka divisou ao pé da colina a pequena vila que se formara em razão da propriedade do senhor. Em vez de seguir para lá, ela virou para a direita, em direção ao sul. Desceu a encosta suavemente, deixando-se tocar pelas árvores e arbustos, sentindo o cheiro da terra selvagem por onde passava. Ela podia ouvir os pássaros cantando e sentir a luz quente do sol que passava por entre as folhas. Quando chegou ao pé da colina, avistou a estrada que seguia para o leste.

Nachka tomou esse caminho, acenando para outros viajantes que eventualmente passavam por ela. Não falou com nenhum, pois não queria chamar atenção. Em dado momento, já bem longe da vila, ela cobriu a cabeça com o capuz. Não era em todos os lugares que alguém como ela passava despercebido.

Após caminhar por cerca de uma hora, a estrada fez uma leve curva para a direita e desceu uma encosta suave até um vale, acompanhando um curso d'água brilhante e veloz. O rio Leste, ela pensou. No fim do vale, Nachka podia ver a floresta. O sol ainda estava quente, mas já demonstrava sua lenta descida atrás dela. A me-

nina andou o mais depressa que pôde até se embrenhar na mata junto com o rio.

Em pouco tempo, Nachka se viu numa penumbra úmida e fria. Ela se agarrava a seu capuz. Conforme avançava, a parca luminosidade que ainda conseguia se infiltrar pelas árvores foi rareando, e o ar esfriou drasticamente. Ela tropeçava nas raízes e tinha a respiração pesada e ofegante, os braços arrepiados. O rio rugia ao seu lado. De repente, um cheiro doce. Nachka parou de imediato. Abriu os olhos o mais que pôde e se agachou, tateando o solo molhado e repleto de plantas que não conhecia. Avançou devagar com as mãos, farejando o ar como um cão, até encontrar o que procurava.

Ela suspirou de alívio e aproximou o rosto da fonte do cheiro. A flor diminuta, escondida sob a folhagem mais baixa. E não era só uma. Inúmeras se aglomeravam ao seu redor e se enfileiravam floresta adentro. Nachka só as vira uma vez nates, havia muitos anos, mas sabia que conseguira, que chegara aonde queria. Ela poderia chorar de emoção. Sentia nas orelhas e na garganta o coração pulsando. Respirou fundo, fechou os olhos e deu um passo à frente, atravessando as flores.

"Parada!"

Nachka abriu os olhos e viu a ponta afiada de uma lança a milímetros de seu nariz. O homem que a segurava estava agachado, imóvel, encarando-a sem piscar. Outros também a rodeavam, com as mesmas armas e o mesmo olhar. Alguns carregavam tochas, e as chamas iluminavam suas asas escuras, que reluziam bruxuleantes. Nachka sentiu as lágrimas lhe encherem os olhos e se derramarem por seu rosto.

"Como nos encontrou?", perguntou o homem agachado, seus lábios mal se moviam.

"Eu cresci aqui. Eu... Eu trabalho..., trabalhava para um senhor..., para um invasor, e ele recebeu uma flor-de-névoa..." Ela tentou dar um passo à frente, mas a lança a fez recuar. "Quando a vi, tive esperança de novo. Por favor, cresci aqui..."

O homem a olhou desconfiado, os outros não se mexeram.

"Apenas seres alados vivem na floresta. Você não tem asas."

"Eu já tive", murmurou. "Foram cortadas..."

Ela esperava compaixão, mas não encontrou.

"Apenas seres alados vivem na floresta", ele repetiu.

Nachka caiu de joelhos. A lança a cortou no rosto, mas ela não se importou. O sangue agora se misturava às lágrimas.

"Por favor, deixem-me ficar...", implorou, só

depois percebendo que estava gritando. “Não posso voltar, nunca serei livre. Se souberem o que sou, o que escondi, eles me queimarão viva.”

“Exatamente por isso não devia ter buscado por eles.”

“Eu não busquei, eles nos capturaram!”

O homem a encarou e perguntou:

“Quem cortou suas asas?”, as dele se abriram, exuberantes.

“Alguém que se dizia meu amigo”, ela sussurrou. “Disse que elas retornariam, que seres alados são mágicos, mas elas nunca voltaram.”

O homem riu, cruel.

“E você acreditou? Seu braço voltaria? Sua perna? Sua cabeça? Você se deixou mutilar para ser aceita por eles, para ficar com eles.”

“Eu não sabia como voltar, achei que todos tivessem morrido, mas quando vi a flor... Por favor, eu imploro, me deixem ficar. Eu sabia o que a flor significava, sabia que os seres alados haviam se reerguido, que o nosso povo...”

“Nosso?”, ele a interrompeu. “Não há nada seu aqui. Não há nada que compartilhemos.”

“Por favor...”

“Não!”, ele rugiu. “Você não é uma de nós.”

Nachka baixou os olhos e as mãos.

“Eu também não sou uma deles.”

“Então você não é ninguém.”

Ele e os outros avançaram com suas lanças para cima dela, forçando-a a recuar rastejando. Só pararam quando Nachka atravessou a barreira das flores. Os homens desapareceram. E ela, sentada no chão, chorou até seus olhos secarem. Então levantou-se, deu meia-volta e refez o caminho para “casa”.

■ ■ ■

poesia

terra

SONHO & PASSARINHOS

"Terra, Sonho & Passarinhos" é o quarto livro do poeta quatiense Alfredo de Oliveira, que já publicou "Canto Pequeno" (1982), "Canto Pequeno e Outros Cantos" (2007) e "Aqui e Tudo" (2012). A presente obra contém poemas compostos no sítio Terra do Sonho, onde Alfredo vive com sua companheira e musa Flávia, e se divide em três partes:

"Terra, Sonho" traz poesias sobre o sonho realizado do autor, que vive em um pedaço de terra em sua cidade, Quatis/RJ, produzindo leite, queijos, frutas, verduras, legumes e versos.

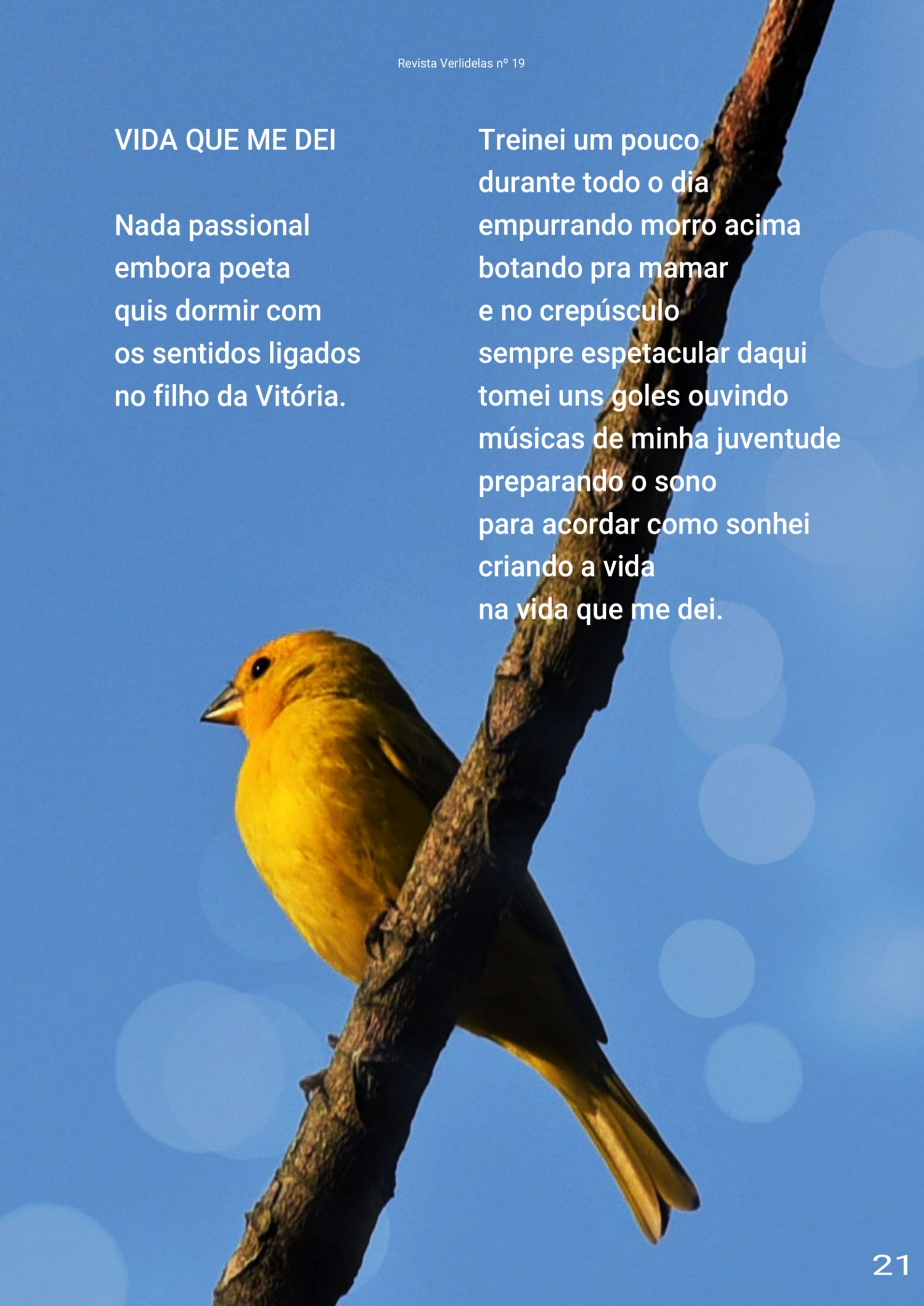
"Passarinhos" nasceu da observação das inúmeras espécies de pássaros que vivem ou visitam a Terra do Sonho, atraídos pelas árvores frutíferas do pomar e pelo fubá ali colocado diariamente para alimentá-los. Alfredo fala dos cantos, voos e ninhos dos passarinhos e da interação que tem com eles enquanto está na lida diária ordenhando as vacas no curral, tratando das aves no galinheiro, cuidando das verduras na horta...

"Ninhos" agrupa músicas compostas em parceria com amigos. A maioria das composições se originaram de acordes feitos por Ricardo do Violão. A partir daí, o autor e seu parceiro foram encaixando letra e música até poderem cantar suas composições

VIDA QUE ME DEI

Nada passional
embora poeta
quis dormir com
os sentidos ligados
no filho da Vitória.

Treinei um pouco
durante todo o dia
empurrando morro acima
botando pra mamar
e no crepúsculo
sempre espetacular daqui
tomei uns goles ouvindo
músicas de minha juventude
preparando o sono
para acordar como sonhei
criando a vida
na vida que me dei.



GLORIOSA (MARIA BRANCA OU LAVADEIRA)

Por que Maria Branca?
Pelas penas alvinegras
devias ser gloriosa.

Ontem te vi bebendo
no bebedouro das vacas.
Era uma dança singela
pela borda da manilha
num frenesi gracioso
depois um voo de mergulho
e assim repetidas vezes
para meu êxtase e enlevo.

Depois, vi do teu ninho
pertinho do galinheiro
bem sair um filhotinho
sem saber voar direito.
Pude tomá-lo nas mãos
e acomodá-lo bem alto
no galho da marianeira
onde fizeste teu ninho.
Para meu êxtase e enlevo
salvei o teu filhotinho.

ALFREDO
DE OLIVEIRA

Conheça o autor e seu livro

Nas ondas do rádio

Todo sábado um novo tema

ATMOSFERA LITERÁRIA com Fabio Shiva

"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

Confira online

Apoio: Verlidelas